



## **CENTRALIDADE MUNDIAL, CONFLITOS IDEOLÓGICOS E LIMITES. REFLEXÃO A PARTIR DO PROJETO TRANSMODERNO DE DUSSEL.**

*José Affonso Dallegrave Neto*<sup>1</sup>

### **Sistema-mundo**

“Trump pode ainda salvar o Ocidente”. Essa foi a última frase de um longo texto do atual Ministro das Relações Exteriores em que elogia, com muito entusiasmo, dois discursos proferidos pelo presidente norte-americano. Ernesto Araújo critica a postura adotada pelo seu antecessor (o Presidente Obama) e a fundação da União Europeia que, segundo ele, “pasteurizou todo o passado” e agora se vê regida por valores abstratos, ao mesmo tempo em que deixou de perseguir o seu destino histórico. O chanceler brasileiro observa que a Europa, como centro civilizacional, desapareceu na I Guerra Mundial, lamentando ter que assistir a um Ocidente moribundo, diante do que ele chamou de perversa governança global em detrimento dos símbolos ocidentais. Indignado, Ernesto Araújo diz que o tão necessário *pan-nacionalismo* só não morreu graças a bandeira erguida por alguns norte-americanos resistentes. Os EUA “iam entrando no barco da decadência” se não fosse a entrada do “estadista Trump”, arremata:

“O Ocidente tem cara, nome e sangue. Ideais e valores sim, mas esses ideais e valores não estão nos panfletos da Comissão Europeia nem nas decisões de qualquer corte de direitos humanos, estão nas cicatrizes do passado, seus heróis e mártires”<sup>2</sup>.

Para se compreender a atual polarização (*pan-nacionalismo versus cosmopolitismo*; ou supremacia nacionalista ocidental *versus* cidadania mundial includente) é preciso invocar a teoria do *sistema-mundo*. O sociólogo Immanuel Wallerstein a descreve quando menciona a existência de países centrais, periféricos e semiperiféricos. Os *centrais* (exemplo dos EUA e Alemanha) são aqueles que se ocupam da produção de alto valor agregado, setores estratégicos e especializados. Os países *periféricos* (boa parte dos africanos) são os que fornecem *commodities* e matéria-prima aos demais, além de produzirem bens de baixo valor de mercado. Finalmente, os *semiperiféricos* (também chamados *emergentes*), caso do Brasil, detêm uma posição intermediária nessa classificação.

Este arranjo internacional justifica a dependência econômica dos países subdesenvolvidos em relação aos desenvolvidos, vinculando a noção de progresso com a de modernidade. Se antes se admitia a existência de um sistema *inter-regional*, em que a superioridade etnocêntrica era apenas em relação aos povos que se tinham contato, depois, com o avanço do capitalismo, a dimensão hierárquica tornou-se *mundial* e progressiva. Essa nova

---

<sup>1</sup> Membro efetivo da Academia Brasileira de Direito do Trabalho. Mestre e doutor pela UFPR; pós-doutor pela Universidade de Lisboa (FDUNL)

<sup>2</sup> ARAÚJO, Ernesto Henrique Fraga. “Trump e o Ocidente”. Cadernos de Política Exterior. IPRI – Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais. Ano III, n. 06, Segundo Semestre 2017, pág. 345-356. O texto aplaude os discursos de julho e setembro de 2017, proferidos por Donald Trump em Varsóvia e na Assembleia Geral da ONU, respectivamente.



versão de sistema-mundo teve início na Modernidade, posicionando originalmente a Europa como a *gestora da centralidade*<sup>3</sup>.

O filósofo alemão Hegel, referindo-se a esse Eurocentrismo do século XVIII, fez menção “ao espírito do Novo Mundo” cujo fim era “a realização da Verdade absoluta”. Enrique Dussel censura essa arrogância de posicionar a Europa acima de tudo e de todos, que se realizava por si mesma sem dever nada a ninguém. Era (e é) preciso libertar-se “desta falácia reducionista”, abrindo-se para uma visão que inclui e reconhece outras culturas fora do eixo hegemônico<sup>4</sup>.

Nesta mesma toada crítica, Wallerstein observa que as sociedades ocidentais contemporâneas constituíram, por muito tempo, o foco da Economia (no estudo do mercado), da Ciência Política (no estudo do Estado) e da Sociologia (no estudo da sociedade civil). Ao mundo *não-ocidental* ficou relegado Estudos Orientais (examinando as altas civilizações “congeladas no tempo”) e a Antropologia (na abordagem das tribos e pequenos grupos)<sup>5</sup>.

Foi a partir da Revolução Industrial e do mote Iluminista que sobreveio a ideia de supremacia da Europa. Isso tem apenas dois séculos (1789-1989): “período demasiadamente curto para transformar com profundidade o *núcleo ético-mítico* das culturas universais e milenares, como a chinesa e outras mais do Extremo Oriente (hinduísta, islâmica, bizantino-russa), e até mesmo a bantu africana ou as da América Latina”; boa parte delas (das culturas minoritárias) foi colonizada e desprezada, observou Dussel<sup>6</sup>.

### **Supremacia norte-americana versus China-Rússia**

Posteriormente, no século XX, foi a soberania norte-americana que se impôs diante de dois movimentos. No *plano geoeconômico* pela diplomacia do dólar e a globalização financeira; no *geopolítico* pela diplomacia das armas e a derrota da URSS na guerra fria. Segundo Tavares, o conceito de *hegemonia* resta caracterizado quando há enquadramento econômico-financeiro e político-ideológico de parceiros e adversários. No caso, a predominância norte-americana não apenas submeteu, mas racionalizou a visão dominante

<sup>3</sup> DUSSEL, Enrique. *Ética da libertação na idade da globalização e da exclusão*. Petrópolis, RJ: 1998, págs. 60-65.

<sup>4</sup> Enrique Dussel é filósofo vivo que nasceu em 1934, em Mendoza, Argentina, e que desde a década de 1970 leciona no México, sendo professor convidado nas Universidades de Frankfurt, Notre Dame, California State University, Loyola (Chicago), dentre outras. Também é doutor *honoris causas* pelas universidades de Friburgo (Suíça) e de San Andrés de La Paz (Bolívia). DUSSEL, Enrique. *Ética da libertação na idade da globalização e da exclusão*. Petrópolis, RJ: 1998, pág. 67.

<sup>5</sup> WALLERSTEIN, Immanuel. *A análise dos sistemas-mundo como movimento do saber*. In: O Brasil e o capitalismo histórico: passado e presente na análise dos sistemas-mundo. Org: Pedro Antonio Vieira et ali. São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2012, pág. 19.

<sup>6</sup> DUSSEL, Enrique. *Transmodernidade e interculturalidade: interpretação a partir da filosofia da libertação*. In: Revista Sociedade e Estado – Volume 31 Número 1 Janeiro/Abril 2016,



como sendo a “única possível”<sup>7</sup>. Para Negri e Hardt, os Estados Unidos, desde o fim da Guerra Fria (1989), vêm se transformando em um império; um tipo de dominação ou supra-estrutura política que força uma gestão unipolar de poder global<sup>8</sup>; uma autointitulada “polícia do mundo” que se arvora na função de punir quem quer que seja, seguindo critérios próprios e solipsistas. Dussel, a partir desse cenário, teme que a imposição do “americanismo estadunidense” anule as demais culturas do mundo e as impeçam de qualquer diálogo intercultural<sup>9</sup>.

Em dimensão diametralmente oposta, registre-se o *revisionismo marxista* que até a década de 1980, defendia o repressivo regime da URSS como modelo a ser imitado. Hoje, quase duas décadas do século XXI, o que vemos é uma aproximação da Rússia com a China, fazendo surgir uma “possível ordem mundial estratégica e pós-ideológica”, que tenha como objetivo desafiar a obsessão do Ocidente que insiste em ridicularizar o “antiliberalismo”<sup>10</sup> (e vice-versa).

Não se pode negar que, apesar do fim da guerra fria e da queda do muro de Berlim (1989), o conflito ideológico ainda se espalha e começa a ganhar corpo. A crise da Venezuela é emblemática no particular, sobretudo ao constatar quem está claramente apoiando, ou contestando, o regime de Nicolas Maduro. Imbricada a isso sobrevém uma nova *guerra comercial*. No plano das nações, EUA e China impondo-se recíprocas tarifas de importação; no plano das corporações, a acirrada concorrência de produtos, a exemplo daquela travada no mercado de celulares e transportes urbano entre as americanas *Apple* e *Uber* e as chinesas *Huawei* e *Didi*.

A situação da Rússia também é enigmática. A sua Constituição de 1993 dispõe que não será estabelecida qualquer ideologia estatal ou obrigatória. Contudo, ainda que oficialmente o socialismo russo tenha se esvaziado, isso não significou o fim pleno do *sentimento de saudade do tempo soviético*. Há uma parcela mais velha e minoritária que ainda o vê com nostalgia. Quanto ao atual governo, Vladimir Putin enquadra-se como um líder “mão pesada de direita conservadora”. Sob a promessa de unir o país em torno de um nacionalismo historicista, o Presidente foi eleito com o apoio de uma poderosa elite capitalista, imersos em uma economia liberal. Convém ao atual governo Putin deixar no ar um suposto namoro com a histórica ideologia vermelha. A estratégia dá audiência, satisfaz parcela da esquerda e, de sobra, atrai a poderosa China para o seu lado. Moral da história: o país vai para a vitrine como nação respeitada e temida (mais ainda se considerarmos seu forte armamento nuclear). Pelo mesmo

---

<sup>7</sup> TAVARES, Maria da Conceição. *A retomada da hegemonia norte-americana*. Revista de Economia Política – 18, vol. 5, n. 2, abri/junho de 1985. Artigo que foi atualizado em 1997 na obra coletiva, coordenada por ela e José Luis Fiori, “Poder e dinheiro: uma economia política da globalização”. Petrópolis: 1998, pag. 29.

<sup>8</sup> HARDT, Michel; NEGRI, Antonio. *Imperio*. Barcelona: Editorial Paidós, 2005.

<sup>9</sup> DUSSEL, Enrique. *Transmodernidade e interculturalidade: interpretação a partir da filosofia da libertação*. In: Revista Sociedade e Estado – Volume 31 Número 1 Janeiro/Abril 2016. Muitas vezes são culturas que estão na terra de ninguém, não sendo consideradas nem metropolitanas, tampouco primitivas; nem de centro, tampouco de periferia.

<sup>10</sup> ESCOBAR, Pepe. “Como China e Rússia se unem contra a hegemonia dos EUA”. Portal Vermelho, Publicado em 12/02/2019. Fonte: <http://www.vermelho.org.br/noticia/318589-1>



motivo convém à China exibir-se como um país de economia mista (ora socialista, ora aberta para o livre mercado capitalista).

O desafio atual não é o de simplesmente impor uma cultura única a todos os povos, tampouco exigir respostas que agradem a preeminência cultural euro-(norte)americana ou a emergente chinesa-russa. Para Enrique Dussel, o projeto *transmoderno* consiste na tentativa de incluir, respeitar e afirmar todos os povos, inclusive, e sobretudo, os que foram até aqui negados pelo simples fato de se situarem fora do eixo capitalista moderno. Logo, não se pode desenvolver um estilo cultural que leve a uma unidade indiferente à alteridade, mas antes a um pluriverso com muitas universalidades. Para Dussel é necessário um diálogo crítico intercultural, que ele chama de *ética da libertação*. Neste discurso de inclusão, há que se considerar aspectos positivos de culturas minoritárias, a exemplo da indígena latino-americana que valoriza o equilíbrio da natureza<sup>11</sup>. Sem dúvida, um princípio ecológico relevante para contrapor práticas predatórias que vê o mundo natural como algo simplesmente explorável, negociável e destrutível.

### **A preeminência dos Direitos Humanos**

De nossa parte, cabe sublinhar que nem tudo que é oriundo do universo ocidental deva ser considerado nefasto; tampouco tudo que advém de povos minoritários deva ser aplaudido. Uma coisa é respeitar a diversidade cultural, conforme, felizmente, vem fazendo boa parte do pensamento pós-moderno, outra coisa é inibir qualquer crítica a condutas que ofendam a dignidade humana. E aqui sem discordar, mas ressaltando o pensamento de Dussel, trago um exemplo também proveniente da cultura indígena. Refiro-me à execrável tradição de infanticídio de bebês, enterrados vivos pelo simples fato de nascerem com alguma deficiência ou grave problema de saúde. Para boa parte dos índios, matá-los é um “gesto de amor”. E, acreditem, há antropólogos que defendem a não interferência dessa cultura bárbara.

Penso que para questões como estas, não se trata simplesmente de respeitar ou tolerar a cultura “x” ou “y”, mas aplicar os postulados de proteção universal dos Direitos do Homem, previstos em suas Declarações Internacionais. Em uma única expressão: É preciso mais respeito às diferenças culturais, sem que isso represente menor responsabilidade aos ofensores da dignidade humana, sejam eles motivados por discursos de direita ou de esquerda! Seja a Venezuela ou a Turquia, Coreia do Norte ou Estados Unidos, Brasil ou Argentina, Israel ou Palestina; Síria, Afeganistão, Iêmen, Iraque, Somália, Nigéria ou República Democrática do Congo. Urge estabelecermos estratégias de promoção aos direitos humanos, respondendo, de modo prioritário, ao desafio da pobreza e da desigualdade social. Nesse sentido observo que o melhor modelo de Estado ainda é o da *social-democracia*, em especial o *Welfare State* dos países nórdicos. Nações que conciliam liberdade e respeito, desenvolvimento social e econômico, além de ampla consciência comunitária internacional.

---

<sup>11</sup> DUSSEL, Enrique. *Ética da libertação na idade da globalização e da exclusão*. Petrópolis, RJ: 1998, págs. 60-70. O autor usa o termo: “exterioridade da modernidade” (que está fora do eixo iluminista).



Retornando ao polêmico texto de Ernesto Araújo, o chanceler sustenta (ao contrário da teoria de Dussel) que é preciso resgatar o anseio dos ocidentais, restaurando um mundo construído pela fé, o qual, segundo ele, restou destruído pelos valores universais do globalismo (liberal, porém antinacional e antitradicional), dos direitos humanos e do costume *politicamente correto*. E aqui cabe respirar fundo para iniciar minha discordância. Ora, o Cristo apresentado no Evangelho está bem distante de posições etnocêntricas que tentam impor supremacia cultural, bélica ou econômica (do tipo “America First”). A mensagem cristã está muito mais para construir pontes do que muros separatistas; salvaguardar a natureza para gerações futuras do que para romper pactos internacionais de proteção ambiental. A propósito, deixo aqui uma oportuna declaração do mencionado Cristo: “Eu vim para que *todos* tenham vida, e a tenham plenamente”. Como se vê, ao contrário do que imaginam Trump e o ministro brasileiro Araújo, a mensagem cristã é sempre de respeito à alteridade e de amor ao próximo. O nacionalismo, por sua vez, é sempre preconceituoso e sectário. E não estou aqui a confundir com o conceito de patriotismo. Há diferenças entre eles, conforme observou Charles De Gaulle: “enquanto no patriotismo impera o amor ao próprio povo, no nacionalismo prevalece o ódio contra o outro”.

Finalmente, no plano das relações internacionais, também acho um equívoco a nova postura do governo federal de se transformar numa espécie de *fã-clube* do governo Trump. Se o governo do PT errou ao fazer o mesmo com alguns países bolivarianos como a Venezuela (e pagamos um alto preço por isso), hoje temos (ou tivemos a oportunidade) de se aproximar economicamente dos EUA sem que isso represente (ou representasse) um afastamento gratuito e prejudicial do nosso maior parceiro econômico: a China. Essas declarações infelizes do chanceler e do próprio Presidente da República ensejaram um claro recado chinês noticiado pela mídia, em janeiro desse ano: “China só investe onde é bem-vinda; cuidado Brasil”, diz Câmara de Comércio<sup>12</sup>. Que o Brasil possa manter sua histórica diplomacia, afastando-se de qualquer sectarismo (de extrema direita ou esquerda)!

### Referências bibliográficas:

- ARAÚJO, Ernesto Henrique Fraga. “*Trump e o Ocidente*”. Cadernos de Política Exterior. IPRI – Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais. Ano III, n. 06, Segundo Semestre 2017.
- DUSSEL, Enrique. *Ética da libertação na idade da globalização e da exclusão*. Petrópolis, RJ: 1998.
- DUSSEL, Enrique. *Transmodernidade e interculturalidade: interpretação a partir da filosofia da libertação*. In: Revista Sociedade e Estado – Volume 31 Número 1 Janeiro/Abril 2016,
- ESCOBAR, Pepe. “*Como China e Rússia se unem contra a hegemonia dos EUA*”. Portal Vermelho, Publicado em 12/02/2019. Fonte: <http://www.vermelho.org.br/noticia/318589-1>
- HARDT, Michel; NEGRI, Antonio. *Imperio*. Barcelona: Editorial Paidós, 2005.
- TAVARES, Maria da Conceição. *A retomada da hegemonia norte-americana*. Revista de Economia Política – 18, vol. 5, n. 2, abri/junho de 1985. Artigo que foi atualizado em 1997 na

<sup>12</sup> Notícia veiculada no Portal UOL de 19 de janeiro de 2019.



ACADEMIA BRASILEIRA DE DIREITO DO TRABALHO

obra coletiva, coordenada por ela e José Luis Fiori, “Poder e dinheiro: uma economia política da globalização”. Petrópolis: 1998.

WALLERSTEIN, Immanuel. *A análise dos sistemas-mundo como movimento do saber*. In: O Brasil e o capitalismo histórico: passado e presente na análise dos sistemas-mundo. Org: Pedro Antonio Vieira et ali. São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2012.